



Eixo 5– Gestão e liderança em movimento

Cineclube Biblioteca Central UnB: mediação da informação e protagonismo social

*Central Library UnB Film Club:
Information Mediation and Social Protagonism*

Jefferson Dantas – Universidade de Brasília (UnB) – jhdantas@unb.br

Rodrigo Rabello – Universidade de Brasília (UnB) – rdgrabello@unb.br

Gabriela Melo Rocha – Universidade de Brasília (UnB) –
gabrielamelorochoa2014@gmail.com

Isabele Mendes dos Santos – Universidade de Brasília (UnB) –
santos.isabele@aluno.unb.br

Resumo: Objetiva abordar o cineclube como recurso de mediação da informação em bibliotecas universitárias, voltado ao protagonismo social de usuários e não-usuários. Para tanto, fundamenta-se em estudo de caso, a partir do relato de experiência do Cineclube Biblioteca Central UnB, recorrendo à revisão narrativa da literatura sobre mediação da informação em bibliotecas universitárias, bem como sobre cinema e cineclubismo brasileiro. Aborda o cinema como patrimônio cultural, fonte de informação e manifestação artística, defendendo as narrativas fílmicas como meio privilegiado para a apropriação da informação, a produção de conhecimento e o protagonismo social.

Palavras-chave: Mediação da Informação. Bibliotecas Universitárias. Usuários de informação. Cinema. Cineclubismo.

Abstract: It aims to examine the film club as an information mediation resource in university libraries, oriented towards the social protagonism of users and non-users. To this end, it is grounded in a case study based on the experience report of the Central Library UnB Film Club, drawing upon a narrative literature review on information mediation in university libraries, as well as on cinema and Brazilian film club movements. The study addresses cinema as cultural heritage, a source of information, and an artistic manifestation, arguing that film narratives constitute a privileged means for the appropriation of information, the production of knowledge, and social protagonism.

Keywords: Information Mediation. University Libraries. Information users. Cinema. Cineclubism.



1 INTRODUÇÃO

O texto objetiva apresentar o cineclube como recurso para o processo de mediação da informação em bibliotecas universitárias (BU), tendo como horizonte o protagonismo social de usuários e não-usuários de equipamentos informacionais, a partir de experiências mediadas pela linguagem cinematográfica. O relato de experiência do Cineclube da Biblioteca Central da Universidade de Brasília (Cineclube BCE/UnB) é mobilizado para exemplificar tais potencialidades.

As BU são espaços estratégicos para promover o protagonismo social, articulando ensino, pesquisa e extensão. Nesse contexto, a mediação da informação possibilita intervenções por diferentes linguagens e experiências estéticas e ético-políticas, destacando o cinema como importante recurso de formação crítica, reflexão e diálogo social.

O cinema deve ser compreendido como patrimônio cultural, e os arquivos de filmes constituem fontes privilegiadas de informação, memória e manifestação artística para a pesquisa científica e tecnológica, demandando políticas de preservação e acesso. Retratam a cultura e a sociedade, registram uma época e fatos históricos. São relevantes fontes de informação (Costa, 2011).

Como expressão artística e cultural, o cinema desempenha papel fundamental na formação de indivíduos críticos e sensíveis às múltiplas realidades sociais. Assistir a filmes não constitui apenas uma atividade de entretenimento, mas uma prática social que revela diferentes perspectivas, produz sentidos e promove o desenvolvimento humano (Cabrera, 2006).

As narrativas fílmicas, quando apresentadas e debatidas de forma contínua e contextualizada, permitem aos participantes construir significados, apropriar-se da linguagem cinematográfica e ampliar sua compreensão acerca da complexidade do ser humano e do mundo que o cerca. Em suma, é um recurso que permite, mediante a participação e a interação dos sujeitos, promover o protagonismo social.

2 METODOLOGIA

O processo de mediação da informação em BU é exemplificado em um estudo de caso, a partir de relato de experiência (Cervo; Bervian, 1996) da atuação do Cineclube



BCE/UnB. Os temas que fundamentam o ensaio, quais sejam: mediação da informação em BU, bem como o cinema e o cineclubismo brasileiro, foram abordados mediante revisão narrativa da literatura (Rother, 2007). Utilizou-se IA (ChatGPT) para apoio na correção textual.

3 MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO EM BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS

Um usuário procura a biblioteca para conhecer mais sobre o movimento cinematográfico brasileiro Cinema Novo e é acolhido pelo bibliotecário de referência, que mobiliza seu conhecimento do acervo para indicar diferentes documentos, filmes, catálogos e fontes especializadas sobre o tema. A situação exemplifica uma prática típica do Serviço de Referência e Informação (SRI), tradicional nas bibliotecas, voltada ao atendimento das necessidades informacionais dos usuários por meio de orientação especializada, mediação qualificada e acesso contextualizado à informação.

Nas primeiras décadas do século XX, o SRI foi introduzido no Brasil sob influência do *reference work* estadunidense, sobretudo por meio de um ensino fortemente apoiado em manuais técnicos e com reduzida fundamentação teórica. Esse cenário relaciona-se, em parte, às barreiras linguísticas presentes nos materiais didáticos utilizados nos primeiros cursos de Biblioteconomia (Almeida Junior; Rabello, 2022). Tal fragilidade teórica passou a ser problematizada por Oswaldo Francisco de Almeida Junior, pioneiro na formulação do conceito de mediação da informação, direcionado à ampliação crítica, epistemológica e social dos aportes teóricos do SRI.

A mediação da informação constitui um processo contínuo e dialógico que envolve o profissional, o usuário, as fontes e suportes informacionais, os equipamentos de informação e o contexto em que ocorre (Almeida Junior, 2015). Seu horizonte abrange a leitura, o uso crítico e a apropriação da informação, promovendo deslocamentos, problematizações e interferências nos conhecimentos, razão pela qual não pode ser considerada neutra (Almeida Junior, 2015; Gomes, 2020). A mediação pode ocorrer de forma implícita, sem contato direto com o usuário, como nas técnicas de organização do conhecimento, ou explicitamente, no atendimento em equipamentos informacionais presenciais e virtuais (Santos, 2015).



As BU podem orientar seus serviços pela perspectiva da mediação da informação, buscando interferir nas comunidades que atendem. Quando materializada em ações culturais, a mediação contribui para a valorização e transformação do espaço sociocultural, além de favorecer a emancipação intelectual e a autonomia dos sujeitos. Embora também promovam competência e aprendizagem informacional (Nunes, 2015), as BU ampliam seu horizonte pela mediação, assumindo uma postura ética, crítica e politicamente responsável diante da informação e da sociedade.

O ato de ler vai muito além da simples decodificação de palavras: trata-se de um processo crítico em que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, articulando linguagem e realidade de forma dinâmica. Ler implica compreender o contexto, interpretar relações e, sobretudo, recriar e transformar a realidade, sendo, portanto, um ato político e de conhecimento (Freire, 1989). Ao compreender a mediação como uma prática que antecipa e suscita leituras, o bibliotecário não apenas satisfaz lacunas informacionais, mas provoca novas necessidades.

As atividades de mediação nas BUs dinamizam os acervos, promovem a apropriação da informação e fortalecem redes de troca de saberes e experiências entre os participantes. Ações como atividades culturais, palestras, debates e minicursos podem ressignificar a biblioteca, aproximando usuários potenciais e intensificando sua interação com o bibliotecário (Santos, 2015).

A tendência de as BU adotarem uma postura ativa e alinhada à missão das instituições de ensino superior, orientada pela tríade ensino, pesquisa e extensão, destaca sobretudo esta última dimensão. Essa atuação tem ampliado o alcance desses equipamentos informacionais. Tal postura favorece a realização de ações de mediação que ultrapassam o público característico da comunidade universitária, alcançando a sociedade em geral, em diferentes territórios. Essa abrangência permite ampliar a noção de público e reconhecer o seu contraponto: o não-público.

O público pode ser compreendido sob duas perspectivas: o público efetivo, que utiliza os espaços, produtos e serviços oferecidos, e o público potencial, formado por sujeitos que poderão vir a utilizá-los. Para isso, é necessário que conheçam o que é ofertado, geralmente por meio de ações de divulgação institucional. O público potencial possui características identificáveis pelos estudos de usuários e depende de estímulos para integrar o público efetivo (Rabello; Almeida Junior, 2020).



O não-público distingue-se do público potencial. Sua condição pode decorrer de fatores alheios à sua vontade (por imposições sociais e institucionais) ou resultar de uma escolha deliberada. Neste último caso, a categoria abrange os sujeitos que optam por não utilizar os equipamentos, seus produtos e serviços, seja por disporem de fontes alternativas de informação (McCarthy, 1994), por se posicionarem intencionalmente como não-usuários, mesmo tendo acesso às fontes oferecidas pela instituição (Sridhar, 1994), ou pela recusa de determinadas fontes (Bryant, 1980).

Quando a condição de não-usuário independe da vontade dos sujeitos, muitos profissionais da informação tendem a não reconhecer as implicações do privilégio de classe social e dos preconceitos incorridos pela própria instituição. Tais fatores podem impeli-los ou desestimulá-los a frequentar ou utilizar espaços, recursos e serviços ofertados pelos equipamentos informacionais. Portanto, nesse cenário de exclusão, os “não-usuários” são frequentemente situados nessa condição por imposições sociais e institucionais (Rabello, 2023).

A categoria “não-usuário” pode ser ampliada para incluir sujeitos que, por impedimentos externos ou decisão própria, deixam de vivenciar experiências estéticas em diferentes linguagens. Entre essas experiências estão o contato com o cinema – filmes de curta e longa-metragem, em variados gêneros – e a leitura silenciosa de textos literários, técnicos, acadêmicos, informativos ou de entretenimento, práticas fundamentais de acesso à cultura, à informação e à formação crítica.

À luz desse referencial, que amplia a abordagem do SRI, eis um quadro hipotético complementar ao do início da seção: um usuário dirige-se à biblioteca interessado em saber sobre o Cinema Novo. O bibliotecário, além de acolhê-lo e buscar atender às suas necessidades, consulta a agenda do cineclubes da biblioteca e o convida a participar de uma mostra dedicada ao tema. A atividade, amplamente divulgada, não apenas o atrai, mas também outros membros da comunidade (incluindo não-usuários). Após as exposições, são realizados debates com a participação de historiadores, sociólogos, cineastas, promovendo um diálogo que ultrapassa a experiência fílmica. Articulam-se reflexões sobre episódios antidemocráticos no Brasil e no mundo, retomando temas recorrentes do Cinema Novo, como fome, desigualdade, violência, que suscitam questões entre os participantes.



4 CINEMA E CINECLUBISMO BRASILEIRO

O cinema brasileiro surgiu no fim do século XIX, com as primeiras exibições realizadas em 1896. Logo depois, apareceram produções nacionais, entre elas *Uma Vista da Baía de Guanabara* (1898), de Afonso Segreto. Nas primeiras décadas do século XX, cidades como Recife, Cataguases e Campinas destacaram-se como polos regionais de produção audiovisual. Nos anos 1940 e 1950, as chanchadas da Atlântida Cinematográfica popularizaram o cinema nacional e revelaram artistas como Oscarito e Grande Otelo. Nesse contexto, também ganharam espaço cineastas voltados ao realismo social, como Nelson Pereira dos Santos, diretor de *Rio, 40 Graus* (1955).

A partir da década de 1960, o movimento Cinema Novo propôs uma ruptura estética e temática, buscando representar as desigualdades e contradições do país. Com forte influência do neorrealismo italiano e da Nouvelle Vague francesa, diretores como Glauber Rocha, Cacá Diegues e Leon Hirszman produziram obras de forte cunho social e político. Durante a Ditadura Civil-Militar (1964-85), parte dessa produção foi censurada, e as chamadas pornochanchadas – comédias eróticas de apelo popular – dominaram o mercado. Nos anos 1980, o setor enfrentou uma crise severa, agravada pelo fim da Embrafilme, estatal que financiava parte da produção cinematográfica.

A retomada do cinema nacional se deu nos anos 1990, já no período democrático e pouco depois da promulgação da *Constituição Federal*, de 1988, com a criação de políticas de incentivo à produção cultural, como a *Lei do Audiovisual*. A partir daí, filmes como *Carlota Joaquina* (1995), de Carla Camurati, e *Central do Brasil* (1998), de Walter Salles, recolocaram o Brasil em destaque no circuito internacional. Nos anos 2000 e 2010, obras como *Cidade de Deus* (2002), de Fernando Meirelles, e *Bacurau* (2019), de Kleber Mendonça Filho, demonstraram a maturidade e diversidade do cinema brasileiro contemporâneo.

O cineclubismo é um lugar de prática cultural, formação e troca de informações e conhecimentos. Nascido quase junto com o próprio cinema, esse movimento ganhou contornos no Brasil ao longo do século XX. Foi nos encontros, nas exibições em igrejas, escolas, sindicatos e universidades que o cineclube se consolidou como um espaço de diálogo com o audiovisual, com a arte e com a troca de experiências. No contexto brasileiro, o cineclubismo floresceu mesmo sob regimes autoritários e políticas de



mercado adversas. Nas palavras de Souza, no livro *Cineclubismo Fluminense: 95 anos de história*, “[...] o cineclubismo se constituiu como um espaço de resistência, onde ainda era possível o livre pensar e a troca de experiências” (Souza, 2025, p. 22). Isso foi especialmente visível durante a Ditadura Civil-Militar, quando salas improvisadas abrigavam filmes censurados e debates proibidos.

Brasília, como capital federal brasileira, não se limitou a sediar ministérios e instituições de poder: ela foi também cenário de importantes articulações do cineclubismo nacional. Em 1980 e novamente em 1986, a cidade acolheu duas Jornadas Nacionais de Cineclubes, sendo que a edição de 1986 revelou fissuras e polarizações internas no movimento: “[...] o movimento, então enfraquecido e desarticulado em função da polarização dos grupos, elegeu uma diretoria destituída ainda antes da próxima jornada” (Souza, 2025, p. 28).

Mas foi em 2003 que Brasília se tornou palco de uma verdadeira retomada simbólica. Sob a gestão do então ministro Gilberto Gil, o ex-cineclubista Leopoldo Nunes convocou antigos e novos militantes do audiovisual para a XXIV Jornada Nacional de Cineclubes, ocorrida durante o Festival de Cinema de Brasília. O encontro “[...] objetivava especialmente a rearticulação do movimento” (Souza, 2025, p. 29), e foi celebrado como um recomeço após 13 anos sem encontros formais.

Nesse sentido, Brasília ocupa um lugar duplo na história do cineclubismo: tanto como palco das decisões políticas que afetaram o setor, quanto como território de práticas concretas e transformadoras. Em uma era marcada pela fragmentação digital e pelas novas plataformas, os cineclubes continuam sendo lugares raros de trocas de experiências olho no olho.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

5.1 Cineclube BCE/UnB, mediação da informação e protagonismo social

O Cineclube BCE/UnB iniciou oficialmente em 2019, com o propósito de proporcionar um espaço de exibição, reflexão e debate sobre produções cinematográficas, aproximando a comunidade acadêmica e o público externo do acervo audiovisual da BCE. A atividade visa ainda manter a tradição cineclubista da UnB,



existente desde a sua criação. O projeto conta com as seguintes parcerias institucionais: Comitê de Gênero e Raça do Senado Federal e Instituição de Ensino Superior UniCEUB.

Em consonância aos princípios da mediação da informação, o Cineclube BCE/UnB é executado por meio de uma curadoria cuidadosa e embasada em pesquisas detalhadas sobre os filmes selecionados, visando enriquecer a experiência do público e garantir a qualidade das mostras. Esse processo inclui o levantamento de informações históricas, contextuais e temáticas sobre as obras, que são utilizadas tanto na divulgação das sessões quanto na mediação dos debates.

As mostras são organizadas e realizadas por uma equipe multidisciplinar e colaborativa, composta por servidores da Biblioteca Central da UnB, professores, estudantes e participantes da comunidade externa. A programação é divulgada por meio das mídias sociais da BCE e cartazes fixados na Universidade, contendo informações como data, horário e temas abordados na exibição.

As sessões acontecem semanalmente, às quartas-feiras, no auditório da BCE, um espaço propício para a exibição e o debate. A seleção dos filmes – longas ou curtas-metragens – segue os critérios que valorizem a diversidade cinematográfica, contemplando homenagens a diretores renomados, movimentos cinematográficos e temas contemporâneos. Para a escolha dos filmes, prioriza-se o catálogo da Filmoteca da BCE/UnB, algo que corrobora com a divulgação de seu acervo.

Desde 2019 diversas mostras já foram realizadas abrangendo várias temáticas com abordagem da atualidade, mostras sobre o Cinema Brasileiro, Cinema Latino Americano, Mostra de Diretoras e Diretores, Mostra Mulheres Plurais, Mostras Comemorativas ao aniversário de Brasília, Mostra Cinema e Jornalismo e mostras¹ já consolidadas que acontecem anualmente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência do Cineclube Biblioteca Central UnB evidencia que o cinema, quando apropriado como recurso de mediação da informação, transcende sua função

¹ Mostra de Filmes Medievais, em parceria com a disciplina de História Medieval do Departamento de História da UnB, Mostra de filmes Africanos, dentro da programação da Semana da África na UnB, Mostra Cinema de Ruptura, organizada por estudantes do Curso de Audiovisual da UnB, Mostra da Semana da Consciência Negra.



de entretenimento para se configurar como um potente dispositivo de formação crítica, inclusão social e protagonismo. Ao longo deste estudo, foi possível demonstrar que as narrativas fílmicas, ao serem debatidas coletivamente, estimulam processos de apropriação informacional que ultrapassam os muros da universidade, alcançando não apenas usuários habituais da biblioteca, mas também não-usuários – sujeitos historicamente à margem dos espaços institucionais de conhecimento.

O projeto Cineclubes BCE/UnB busca estimular a produção de novos saberes, aprofundando pesquisas e despertando novas investigações. Assim, consolida-se como espaço de mediação da informação, voltado à formação cultural, crítica e cidadã, em consonância com a missão da UnB de integrar ensino, pesquisa e extensão.

A curadoria das mostras representa um desafio enriquecedor para o Setor de Coleções Especiais da BCE, impulsionando a reflexão crítica sobre o acervo fílmico e a necessidade de aprimorar as políticas de gestão desse material.

A participação no Cineclubes vem aumentando na medida em que se mantém uma frequência das exposições; isso demonstra a importância de se manter o projeto, evitando se possível qualquer interrupção temporária. Outro ponto a destacar é a multidisciplinaridade nas mostras, o que proporciona um debate rico e uma maior interação da comunidade da UnB, bem como a participação da comunidade externa.

O relato do Cineclubes BCE/UnB pode inspirar outras bibliotecas – universitárias, públicas ou escolares – a implementarem iniciativas semelhantes, adaptando-as às suas realidades e públicos. Evidencia-se, ainda, a relevância de se considerar o cinema como patrimônio cultural e fonte de informação legítima, não acessória, nos currículos e nas rotinas das unidades de informação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JUNIOR, O. F. Mediação da informação: um conceito atualizado. *In*: BORTOLIN, Sueli; SANTOS NETO, J. A.; SILVA, R. J. (Org.). **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: ABECIN, 2015. p. 9-32.

ALMEIDA JUNIOR, O. F.; RABELLO, R. Usuário e recuperação da informação: hiato ou ditongo? **Logeion: Filosofia da Informação**, Rio de Janeiro, RJ, v. 9, p. 482-495, 2022.

BRYANT, P. Progress in documentation: the catalogue. **Journal of Documentation**, v. 36, n. 2, p. 133-163, 1980.



CABRERA, J. **O cinema pensa**: uma introdução à filosofia através dos filmes. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 4.ed. São Paulo: Makron, 1996.

COSTA, A. F. Cinema como patrimônio cultural: arquivos de filmes como fontes de informação e memória. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 12., 2011. **Anais [...]**. Brasília: ANCIB; UnB, 2011.

FREIRE, P. A importância do ato de ler. *In*: FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989. p. 11–24.

GOMES, H. F. Mediação da informação e suas dimensões dialógica, estética, formativa, ética e política: um fundamento da Ciência da Informação em favor do protagonismo social. **Informação & Sociedade**: estudos, v. 30, n. 4, p. 1-23, 29 dez. 2020.

McCARTHY, G. Getting to know your non-users. **Library Management**, v. 15, n. 4, p. 30–34, 1994.

NUNES, M. S. C. **Mediação da Informação em Bibliotecas Universitárias brasileiras e francesas**. Salvador: UFBA, 2015. 221f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) — Instituto de Ciência da Informação, UFBA, Salvador, 2015.

RABELLO, R. Studies on Information Users and Non-Users: An Alternative Proposal. **Open Information Science**, v. 7, n.1, p. 20220153, 2023.

RABELLO, R; ALMEIDA JUNIOR, O. F. Usuário de informação e ralé estrutural como não-público: reflexões sobre desigualdade e invisibilidade social em unidades de informação. **Informação & Sociedade**: estudos, v. 30, n. 4, p. 1-24, 2020.

ROTHER, E. T. Revisão sistemática x revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 20, n. 2, p. v-vi, 2007.

SANCHES, G. A. R.; RIO, S. F. Mediação da informação no fazer do bibliotecário e seu processo em bibliotecas universitárias no âmbito das ações culturais. **InCID**: Revista de Ciência da Informação e Documentação, v. 1, n. 2, 2010.

SANTOS, R. R. **Gestão dos dispositivos de comunicação da web social**: potencializando as atividades de mediação da informação e do conhecimento em bibliotecas universitárias brasileiras. 2015. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) — USP, São Paulo, 2015.

SOUZA, A. (Org.). **Cineclubismo Fluminense**: 95 anos de história. Rio de Janeiro: [s.n.], 2015.

SRIDHAR, M. S. Non-users and non-use of libraries. **Library Science with a Slant to Documentation and Information Studies**, v. 31, n. 3, p. 115–128, 1994.

